

Entrevista a José Carlos Venâncio

“A Sociologia é uma área internacionalmente reconhecida”

Actualmente ligado à investigação e à dinamização das relações com o mundo lusófono, José Carlos Venâncio está na UBI desde 1988. Ao *Urbi* fala sobre as suas funções, os projectos em que está envolvido e sobre o conceito de lusofonia, ao qual sempre esteve ligado.

Catarina Rodrigues e Eduardo Alves

Urbi - Como define o seu cargo de pró-reitor?

José Carlos Venâncio - As minhas funções neste cargo estão ligadas ao sentido de humanizar e estreitar as relações da UBI com os espaços de língua portuguesa, com o mundo lusófono. No fundo, eu sou o pró-reitor para a cooperação, um lugar que passa pela dinamização dessas relações. Esta dinamização passa também pelo contacto com professores, por acções de investigação, pelo sentir a academia de estudantes, prestando apoio aos alunos dos países lusófonos que estão na UBI. Sou, em relação a eles, qualquer coisa como um “provedor”.

U - É também presidente do Departamento de Sociologia?

J.C.V. - Sim, um cargo que os meus colegas julgaram que eu deveria voltar a ocupar. Esta foi uma tarefa, uma “incumbência”, com a qual não estava a contar, mas que tive de assumir. Sou presidente deste departamento pela terceira ou quarta vez. Ainda me recordei de estar neste cargo quando, para além do curso de Sociologia, havia também o curso de Comunicação Social no Departamento. Estou também empenhado em acções de investigação e na organização do V Congresso de Estudos Africanos no Mundo Ibérico, que terá lugar em Abril de 2006.

U - Sociologia é um dos cursos que tem sempre as suas vagas preenchidas. Como explica isso?

J.C.V. - A sociologia é uma área internacionalmente reconhecida, com um espaço de intervenção social onde o mercado de trabalho tem absorvido bem os licenciados. Depois, um segundo factor tem a ver com o facto de a sociologia portuguesa ter conquistado um espaço público determinado, indo nomeadamente de encontro às necessidades do mercado. E aqui, na UBI, temos feito esforços no sentido de acompanhar, numa situação de primeira linha, essas tendências.

U - Considera que o mercado de trabalho ainda precisa de mais sociólogos?

J.C.V. - O grau de empregabilidade nesta área é bom. Temos um projecto que decorre há algum tempo, no âmbito do Centro de Estudos Sociais, liderado pela professora Maria João Simões e pelo professor Alcides Monteiro, sobre a empregabilidade dos nossos licenciados de sociologia que nos revela quadros muito animadores a esse respeito. Aliás, os dados recolhidos foram utilizados no



“O grau de empregabilidade na área da Sociologia é bom”

Relatório de Auto-Avaliação da licenciatura, permitindo-nos obter uma boa classificação nesse preciso item e em termos gerais.

U - Falou no Centro de Estudos Sociais, do qual também faz parte...

J.C.V. - Sim, neste momento sou ainda o presidente, mas vamos ter eleições em breve e um dos meus colegas assumirá, como espero, o cargo. Tenciono ficar apenas ligado aos corpos sociais numa posição recuada.

U - Quais são os principais projectos desenvolvidos no CES?

J.C.V. - São vários, eu próprio estive ligado a três e, agora, a dois. Coordenei, por parte do CES-UBI, o *ConVidas*, que será, segundo esperamos, substituído e continuado pelo *COMPASSO*. Liderei a equipa de avaliação do *LEADER +*, com implantação na área de intervenção da Aderes – Associação de Desenvolvimento Rural Estrela-Sul. E ainda estou ligado a um outro projecto sobre a pintura cabo-verdiana, cujos primeiros resultados constituem um capítulo do livro que publicarei, ainda este ano, na Editorial Estampa, que tem por título, *A dominação colonial. Protagonismos e heranças*. Está igualmente prevista, no âmbito do congresso de que lhe falei, uma exposição de pintura cabo-verdiana, da qual farão parte pintores de Cabo Verde, naturalmente, os mesmos que têm sido objecto de estudo deste projecto.

Mas o CES-UBI desenvolve ainda, entre outros, projectos como: “Dinâmica sócio-económica da fileira da madeira em concelhos do Pinhal Interior: uma análise através do conceito de meio inovador” (coordenado pela minha colega Maria João Simões); “Avaliação das Redes Sociais dos concelhos Fundão, Seia e Guarda”, onde colaboram os colegas Alcides Monteiro, Maria João Si-

mões e Alcino Couto, para além dos técnicos do CES.

U - Todos estes projectos tentam ligar a UBI à comunidade envolvente?

J.C.V. - Sim. A maioria dos projectos do CES-UBI envolve o meio em que a UBI está inserida. Trata-se, aliás, de projectos que envolvem vários parceiros da região. Geralmente cabem ao CES-UBI as tarefas de investigação científica e o acompanhamento técnico.

U - O que é para si o conceito de lusofonia?

J.C.V. - Eu diria que há dois sentidos de lusofonia. Um deles mais vivencial, aquele que nos diz que somos lusófonos, na medida em que falamos a língua portuguesa e nela nos revemos em termos identitários. Depois há um outro sentido, mais institucional, que está ligado à política e à governação, invocado, então, no sentido de dinamizar todo um conjunto de possíveis afinidades em proveito de um projecto comum e eventualmente diferenciado de um espaço construído pela globalização que, muitas vezes, se confunde com o que podemos designar por anglo-saxonalização.

U - É, portanto, difícil encontrar uma definição unânime do conceito?

J.C.V. - Sem dúvida. Ele foi decalcado do conceito de francofonia. Há quem, aliás, veja quer a francofonia, quer a lusofonia como formas de perpetuação da dominação colonial. O que é, naturalmente, controverso.

U - Com o aparecimento das novas tecnologias, com a aproximação das diferentes culturas, o espaço lusófono está mais pequeno?

J.C.V. - Existe, de facto, uma nova forma de estar e de encarar a lusofonia. Os novos meios serviram

como aproximação de culturas, servindo para aproximar mais os diferentes falantes de português no mundo.

U - Foi distinguido com o prémio Gilberto Freyre, da Fundação Oriente. Acha que estes reconhecimentos funcionam como incentivos para o desenvolvimento de trabalhos de investigação nesta área e como tal deveriam ser em maior número?

J.C.V. - Quanto aos prémios, sou a favor destes, até porque o valor é quase sempre aplicado em novos projectos de investigação, como foi o meu caso.

U - Nos últimos tempos tem-se registado um aumento no número de estudos sobre as relações culturais entre Portugal e os PALOP's, nomeadamente teses de mestrado e doutoramento?

J.C.V. - Não sei. Creio que ainda se regista um défice muito grande nesse campo. Sou da opinião que Portugal ainda está de costas viradas para as grandes transformações que estão a acontecer em determinados pontos do globo, nomeadamente na Ásia e na África.

Há alguns anos organizámos, a minha colega Johanna Schouten e eu próprio, um colóquio sobre as relações entre Portugal e a Ásia do Sudeste. Infelizmente a participação da classe empresarial foi mínima.

U - Mas já estão dados alguns passos no sentido de mudar esta situação?

J.C.V. - Sim. Veja-se o caso da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Através do professor Ramôa Ribeiro e do engenheiro Armando Trigo de Abreu conseguimos que fosse constituído um painel específico para os Estudos Africanos. Mas isso só não basta. E a Ásia?... E as outras instituições com vocação para apoiar a investigação? As universidades?

U - Há algum tempo falou-se na criação de um Centro de Estudos Lusófonos na UBI...

J.C.V. - A ideia ficou por aí. Isto porque, e ao abrigo do que disse sobre a lusofonia, tem de se ter em atenção que o conceito não é unanimemente bem aceite. Este pode ser entendido como qualquer coisa que “cheira” a neo-colonialismo. O Centro de Estudos Lusófonos, que julgo ser de extrema importância, criado aqui na UBI e/ou noutra Universidade, corre sempre o risco de ser identificado com posturas neo-colonialistas e por isso tem de ser muito bem organizado e justificado.

perfil



José Carlos Venâncio nasceu em Luanda, Angola. Frequentou a instrução primária naquela cidade e em Vale de Lamula (actualmente Vale da Mula), uma aldeia do concelho de Almeida. Este local é para ele ainda hoje uma espécie de “refúgio” onde gosta sempre de voltar. Regressou a Luanda onde fez o liceu. Licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e doutorou-se em Ciências Sociais na Alemanha, na Universidade de Mainz. Foi leitor na Universidade de Heidelberg e *Visiting Fellow* na Universidade de Bristol antes de integrar o quadro docente da UBI a convite do Padre Francisco Videira Pires em Setembro de 1988. Foi com agrado que aceitou este convite, “quer pelo desafio que isso demonstrava (era a UBI então uma muito jovem universidade), quer pela proximidade que tinha com esta região portuguesa”.

Assegura que todos os lugares por onde passou o marcaram. “Tentei integrar-me e extrair o máximo possível de todos os locais por onde passei. Para não falar de Angola, a terra onde nasci e à qual continuo sentimentalmente ligado”.

Actualmente, é um homem muito ocupado e dividido entre a investigação e os vários cargos que desempenha. Ainda assim, sempre que pode, refugia-se em Vale da Mula. Gosta de ler, de ir ao cinema e de praticar algum desporto. Faz ciclismo, quer em bicicleta de todo-o-terreno, quer de estrada. No Verão gosta de praia e, quando pode, também pratica pesca, vela e mergulho.

A par de todo este roteiro de vida, José Carlos Venâncio tem desempenhado um importante papel no que respeita à lusofonia. Apaixonado confesso da pintura cabo-verdiana, das culturas africanas e sobretudo da troca de experiências entre os países que estão, de alguma forma, ligados à língua portuguesa, o docente está agora empenhado na organização do V Congresso de Estudos Africanos no Mundo Ibérico, que terá lugar em Abril de 2006 e que pela primeira vez será realizado na UBI.